

Por uma narrativa dos gestos: os bebês e a subversão da sacralidade do livro

For a narrative of gestures: babies and the subversion of the sacredness of the book

Nazareth Salutto é Professora Adjunta da Faculdade de Educação (UFF). Desenvolve estudos e pesquisas sobre bebês, crianças pequenas e suas infâncias em contextos plurais

Contato: nazarethssalutto@gmail.com

Resumo

O artigo discute a relação dos bebês com o livro de literatura infantil, observando de que modo a interface com esse objeto constitui uma gestualidade própria do bebê no seu processo de imersão na cultura. Por um lado, se olha para os bebês nos seus movimentos inaugurais, exploratórios, intensos. De outro, se tem o livro como potente, por vezes sacralizado, artefato da cultura. Quais são as faces desse encontro? O que se pode aprender, inferir, ao mapear itinerários que observam corpo, ações e gestos dos bebês?

Palavras-chave: Bebês. Livros. Cultura. Psicanálise.

Abstract

The article discusses babies and their relationship with children's literature book, observing how the interface with this object constitutes a combination of gestures unique to babies in their process of immersion in the culture. On the one hand, one looks at the babies in their inaugural, exploratory, intense movements. On the other, one has the book as potent, sometimes sacred, artifact of culture. What are the facets of this encounter? What can be learned, inferred, when mapping itineraries that observe the body, actions, and gestures of babies?

Keywords: Babies. Books. Culture. Psychoanalysis.



Experimento a impossibilidade de trancar os sentidos para um repouso. O corpo vivo vive em permanente e vários níveis de leitura. Não há como ausentar-se, definitivamente, deste enunciado, enquanto somos no mundo. O corpo sabe e duvida [...].

QUEIRÓS, 2012, p. 61-62.

Que faz um bebê diante do livro? Quais são as faces desse encontro? O que se pode aprender, inferir, dos processos de imersão na cultura, observando esse *corpo vivo* que subverte a lógica dos comportamentos já conhecidos em torno dos gestos de ser leitor? O presente artigo busca compreender a relação dos bebês com o livro de literatura infantil, refletindo sobre o modo como se constitui uma gestualidade própria do bebê na interface com esse objeto da cultura. Por um lado, se olha para os bebês nos seus movimentos inaugurais, exploratórios, intensos; por outro, se tem o livro como potente, por vezes sacralizado, artefato da cultura.

As reflexões são desdobramentos de tese de doutorado que investigou especificidades da relação entre bebês e livros (MATTOS, 2018), cujo campo foi realizado em uma creche filantrópica conveniada, situada em uma favela de grande metrópole brasileira. Por meio dos *cenários literários*, estratégia metodológica que consistiu em construir espaços-tempo (ambiências) para que se pudesse observar as ações dos bebês *com* e *sobre* os livros, organizado em torno de tecido, livros, câmera fotográfica e as pessoas da pesquisa – os bebês e os adultos. As reflexões se dão na costura entre os caminhos da Psicanálise (WINNICOTT, 1975) e da Literatura (BENJAMIN, 1995; KOMAGATA, 2012).

Antes, e sobretudo, o bebê como pessoa!

Em cada bebê há uma centelha vital, e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e o desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê [...]

WINNICOTT, 2014:29.

Antes de pensar sobre o que fazem os bebês com os livros, talvez seja pertinente, e generoso, indagar: quem são os bebês? Na medida em que se faz conversarem duas faces potentes, contudo distintas, como são os bebês e os livros, se faz necessário refletir sobre o lugar de autoria desse encontro, concordando com Queirós (2012), que “a criança manipula o livro de cabeça para baixo, do meio para o fim, de cabeça para cima. [...]. A criança é que elege a sua leitura e atribuiu ao objeto livro o que ele tem a lhe dizer. O livro é um objeto e a criança, o sujeito. Nesta relação, é o sujeito que fala” (p. 96).



No caso dos bebês, estamos diante de um sujeito para quem o mundo é a inauguração da vida. Tudo aquilo para o qual adultos, crianças mais velhas, jovens já construíram olhares e pontos de vista familiares, para o bebê é descoberta e investigação. O corpo, mais do que um organismo vivo que busca sobreviver, é linguagem que se expressa com tenacidade, interesse e desejo na experiência do viver. Mãos, olhos, pés, bocas, braços, cabeças esmiúçam espaços, objetos e o corpo do outro que se põe em diálogo e interface com o bebê. O verbo que atravessa e anuncia o mundo para o bebê se dá no jogo relacional do corpo-descoberta.

Para Mattos (2018), se faz necessário pensar a respeito de uma certa arqueologia sobre ser bebê, o que pode se dar por meio de um minucioso mapeamento dos itinerários de seus processos de amadurecimento e inserção tanto nas relações quanto na cultura. Isso porque, em alguma medida, pode-se considerar que o olhar lançado para o bebê no cotidiano ainda se dá atravessado por concepções que preconizam uma dada forma de desenvolvimento, o que dá margem a uma série de propostas que têm no estímulo externo a sua prerrogativa, e não a observação atenta dos caminhos construídos pelos bebês como pessoa de relação, envolvidos que estão na tarefa de se constituírem subjetivamente (WINNICOTT, 1975, 2014).

Conceituar o bebê não significa fechá-los em categorias predeterminadas, mas, ao contrário, garantir-lhes um lugar conceitual, que possa problematizar sentidos, práticas, concepções. A partir dessa premissa, a autora assume o bebê como:

[...] aquele com o qual se faz necessário construir semelhança – pela natureza de sua condição humana –, entrar em estado de dedicação e, ao mesmo tempo, tomar distância, de modo a assegurar-lhe cuidados básicos responsáveis pela manutenção de sua saúde – material e psíquica – e condições para existir, imaginar-se e constituir-se como pessoa [...] Ao ingressar em contextos e círculos de convivência mais amplos, o bebê precisa ser tomado em sua singularidade, de modo que seja olhado, considerado em seus processos subjetivos, com respeito aos seus estados de integração; na previsibilidade e continuidade de ações que o confirmem na prerrogativa de ser considerado, antes e sobretudo, pessoa. Ainda, e sobretudo, o bebê assim compreendido, é essa coisa atual e, por isso, pessoa sobre quem não cabe fechar definições, mas, em estado de dedicação solidária e generosa, em cumplicidade operante caminhar com ele (MATTOS, 2018, p. 98).



Diante de um interessante e sacralizado objeto da cultura, portanto, se encontra uma pessoa que age, sente, deseja, investe com tenacidade a partir de um lugar singular, autoral, inaugural. Esse olhar, que busca humanizar sem essencializar o bebê, orienta as reflexões a seguir.

Os livros: ah, que lindos são!

Para que serve um livro?

LEGEAY, 2011.

Na sua criação ficcional, Legeay (2011) coloca o livro em diferentes cenas, nas quais ele é jogo, brinquedo, objeto de disputa, de encontro e aconchego, de aventura. Nas cenas construídas e documentadas ao longo da pesquisa, os livros exerceram esses papéis, sendo cúmplices nas interações e ações dos bebês. Nesses itinerários, os livros *servem* para muita coisa aos bebês.

Ao tecer considerações sobre o livro na relação com o bebê, procura-se assumir o fio premente da subjetividade que marca a obra; interessa-nos pensar o livro como marca de alguém que se dedica a produzir esteticamente para um outro, o que coloca o livro num espaço potente de encontro de intersubjetividades. Importa tanto pensar a estrutura material que sustenta o livro – projeto gráfico editorial (cor, forma, tamanho, textura, peso, dimensões), texto, ilustração, papel, capa, tipos gráficos – quanto a mão que o faz, a cabeça criativa que o idealiza, que impregna o livro de sutil e genuína particularidade, pois,

[...] embora a obra seja destinada a uma criança, é o adulto quem concebe, escreve, desenha, edita, comercializa, critica, seleciona. Como o adulto está presente em todo processo de produção, de seleção e de mediação de um livro para crianças, o principal aspecto que diferencia esse livro dos demais é a maneira como é concebido (PARREIRAS, 2008, p. 74).

Não é possível, portanto, ignorar a complexidade que envolve a produção e os caminhos dos livros até os bebês. Percorrer esse caminho significa encontrar-se com a história da literatura infantil como campo de estudo nos campos da Teoria Literária, Letras, Pedagogia, Comunicação, Semiótica, entre outros campos, convocando à análise sob diferentes lentes (HUNT, 2011; LINDEN, 2011; NIKOLAJEVA e SCOTT, 2011).

Entre uma vasta diversidade, há um número significativo de obras que convidam a participar do texto – verbal e visual –



provocando o mergulho no imaginário, na criação e na imaginação, no deslocamento do real, qualidades estas que definem o literário. Há autores, ilustradores e editores que apostam na expressividade estética das crianças para construir seus trabalhos e, desse modo, qualificam a linguagem literária, a interdiscursividade entre verbal e textual, a dialogia temática, fazendo comparecer a vida na obra. O livro como arte ética e estética, assim qualificado, não reduz sua forma e conteúdo a um suposto e idealizado universo infantil (HUNT, 2010).

Essas discussões em torno do livro infantil contemplam o papel conferido à sua materialidade, à medida que reconhecem o impacto desse elemento como provocador de relação sensorial, auditiva, sinestésica. Características que, segundo Hunt (2010), não se reduzem à recepção das crianças: “a maioria das pessoas (e não só as crianças) têm uma relação sensual com os livros; como é ao tato, o seu peso na mão, o tamanho, a forma (e para as crianças mais novas o seu gosto): tudo importa” (p. 120).

Sinestesia que transcorre num momento delicado e sutil da constituição do bebê. Os sentidos culturais dos objetos são construídos no trânsito entre a subjetividade internamente construída e a realidade objetivamente percebida (WINNICOTT, 1975), compondo dimensões que se superpõem na dinâmica dos bebês, dos primórdios de um jogo (atravessado por multifacetados sentidos), como a narratividade entre o não verbal e o verbal. Complexos e sofisticados caminhos que envolvem os itinerários dos bebês na compreensão do livro como objeto da cultura: “muito acontece, antes de a criança ter acesso aos livros [...]. Aprender a manusear, a folhear esse objeto costuma ser uma experiência pessoal da criança. Cabe ao adulto respeitar o tempo lógico de cada uma nesse aprendizado” (CADERMATORI, 2015, p. 35).

Tempo que implica respeitar os percursos de cada bebê no seu encontro singular com os objetos da cultura. As interações revelam sutilezas nos detalhes, nos gestos. Assim concebidos, antes da leitura feita por outrem, os livros são portadores da mediação entre a realidade do adulto e a do bebê, “numa materialidade que acolhe e fortalece o vínculo entre adultos e a geração que acaba de chegar” (SERRA, 2015, p. 80).

Sutileza entre artefato e pessoas que, neste caso, implica compreender a força da ação do bebê sobre a materialidade não como intrusiva, ou propositalmente destrutiva, mas como modo genuíno do seu movimento de conhecer. Sutileza que, de alguma forma, também está posta pelo que o bebê aprende no



manuseio da própria materialidade, não porque alguém lhe diz, ou na interdição de seus gestos, mas porque ele age sobre a matéria. Assim, o livro participa do agenciamento da subjetividade, porque atua além: como objeto transicional, como apoio e como artefato da cultura. Na mesma face, significa caminho (subjetividade) e ponte (objetividade), *pois funcionam, desse modo, como pedaços de um jogo* (PARREIRAS, 2008, p. 43). Camadas desdobradas a seguir.

Por uma narrativa dos gestos – dessacralizar o livro

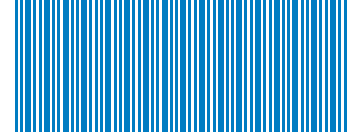
Um por um, os artistas acordam.
O palhaço entra em cena
KEVTA PACOVSKÁ (sem ano).

Cenários destruídos?

“Construir cenários dos quais participam bebês e livros significa correr riscos. Pois, sim! Se não parece quase um (des) propósito. A cena, tal qual se organiza, inquieta:

- É assim? – indaga a voz curiosa por entender o que se passa.
- Tampouco sei eu – responde a voz em pensamento.

O cenário revela o caos contrário a toda ordenação suposta em torno da leitura. Tecidos, bebês, adultos, câmera, papel, lápis, brinquedos, mamadeiras em cima da mesa, televisão, fraldas, mochilas, balde. Tudo e todos, ao mesmo tempo, ocupando o espaço da ampla sala. Dá-se conta do movimento de caos após o término, é claro. Lógica que tece sua compreensão no tempo posterior, tal qual uma aranha noveleira, dia após dia tramando fio no silêncio da sua toca. É necessário distanciar-se para olhar de novo. Quem sabe ver além, escavar novas camadas. A multiplicidade dos registros extrapola o limite do que é possível escrever. Todas as palavras não dariam conta... Lá, antes de tudo e, cá, depois de tudo, estão os livros. Antes, novos (ou semi) em folha: todo ele papel, cheiro e tinta. Agora, após o cenário, do pequeno caos, vêem-se as novas marcas em sua forma, tornando visíveis os vestígios do uso, dos gestos apressados, quase vorazes, o fio da baba do bebê que impregna a página de nova textura. As narrativas, por sua vez, são de outra ordem. São de natureza corpórea, residual, tem cheiro novo daquilo que, consertado, nunca será como antes. Fazer cenários implica correr riscos. Em que pese os indícios, as cenas cumpriram seu fim: os bebês estiveram aqui. São muitos, amplos, fortes, generosos movimentos. Todas as palavras não dariam conta de descrevê-los...” (MATTOS, 2018, p.144).



(Des) propósito, ruína, destruição. Pressa, gestos, voracidade, baba, marca de mão. Cena, temporalidade – antes, agora, depois –, vestígios. Substantivos, adjetivos, pronomes, condicionalidades que qualificam o verbo agir. Elementos que se colocam como desafio de compreender especificidades da natureza da relação dos bebês com os livros. Se o livro carrega suas próprias marcas – gráficas, editoriais, literárias, subjetivas –, pelas mãos dos bebês conhecem novos itinerários e modos de ser conhecido: ganha texturas novas, feitas à baba, à marca de mãos apressadas em apertar. O livro, desse modo, ganha uma realidade que só um corpo inaugural pode lhe conferir. Com o olhar atento aos detalhes, toma-se o elemento destrutivo como narratividade desses gestos que provocam uma certa fissura no arrumado da cultura e, portanto, faz surgir um livro com realidade nova.

Esse brincar que se constitui no limiar da experiência cultural, na área intermediária da construção do self e envolve, também, a base da agressividade que sustenta o sentimento de estar vivo, [...] assim, “o brincar implica a constituição de sentimentos agressivos tidos em relação ao ambiente – um ambiente que deve ser ‘tolerante’” (ABRAM, 2000, p. 58). Esse agir, que significa em grande parte na vida do bebê manter-se vivo, ou seja, agir criativamente, esse elemento que agride, destrói, transforma em ruína, desconcerta, desarruma e, de algum modo, é interdito.

Sem descuidar da medida entre compreender, acolher e zelar, assumir, suportar, os gestos destrutivos dos bebês tornam-se ponte para compreendê-los, para propor cenários coerentes, para orientar escolhas. Para sustentar, o ambiente precisa conhecer sobre ser bebê. A destruição desconcerta porque abala os muros já erigidos da subjetividade do adulto, quase sempre ordenada, adaptada aos parâmetros previamente estabelecidos e, por vezes, estáveis. Como pessoa mais vivida, cabe-lhe o papel de organizar formas de apresentar o mundo, ser “a mão invisível da alteridade” (CINTRA, 2015, p. 74), que apoia o paradoxal caminho entre destruir (simbolicamente) os objetos até estar pronto para usá-los, para compreendê-los como realidade exterior. Na relação aqui exposta dos bebês com os livros se está diante do paradoxo da subjetividade que, na sua emergência, destrói, deforma a cultura.

Benjamin (1995), crítico da cultura, da modernidade, do esvaziamento da experiência como marca humana, fala do caráter destrutivo como ação capaz de abrir espaço entre aquilo que se mostra apurado demais do lado que se dá a ver. Destruir, assim, renova o que está acomodado, o usual; abre caminho frente ao conformismo que habita coisas e homens, “pois destruir remoça,



já que remove os vestígios de nossa própria idade; traz alegria, já que, para o destruidor, toda remoção significa uma perfeita subtração ou mesmo uma radiciação de seu próprio estado” (BENJAMIN, 1995, p. 236).

O ambiente que tolera a destruição seria aquele capaz de sobreviver à força destruidora das ações inaugurais, que abrem espaço *al dente*. A situação nova trata de encarar os riscos que subjazem reunir bebês e livros no mesmo cenário. O livro destruído rompe com uma dada forma de seu uso, rasura o arrumado da cultura, invade a sacralidade de seu espaço. O conjunto bebês, corpo, materialidade advoga por outra narratividade dos itinerários relacionais. Toma-se o paradoxo entre o destruir que faz emergir o novo, criar (WINNICOTT, 1975), e a destruição que desarranja:

O caráter destrutivo não está nem um pouco interessado em ser compreendido. Considera esforços nesse sentido superficiais. Ser mal compreendido não o afeta. Ao contrário, desafia a má compreensão tal como os oráculos, essas destrutivas instituições estatais, a desafiavam. O fenômeno mais típico da pequena burguesia, a bisbilhotice, se realiza apenas porque as pessoas não querem ser mal compreendidas. O caráter destrutivo deixa que o interpretem mal. Ele não fomenta o mexerico (BENJAMIN, 1995, p. 236-237).

O filósofo assume a destruição como aquilo que desfaz, desafia, descostura o arrumado, revelando sua capacidade de renovação. Aconteceria algo parecido com o cenário destruído? Destruir como produção de sentido, como princípio de um relacionamento de uso, de apropriação do sentido e do significado do objeto, de suas possibilidades estéticas que se dão por dentro do rasgo das páginas. No início, a organização que apresenta a proposta da materialidade, aquilo que se dá a ver para os bebês:

A coleção *O que é o que é?* conta com quatro títulos – *É um gato? É uma rã? É um caracol? É um ratinho?* – fez parte do acervo dos cenários.

Os livros dessa coleção foram bastante escolhidos pelos bebês. Alguns títulos, recorrentemente. O livro propõe um jogo em sua materialidade que envolve suas dimensões, a *continuidade e temporalidade*¹ da ilustração que se desdobra de uma página à outra. Pelas mãos dos bebês, o livro virou o jogo do *abre-vira-mexe-abre-fecha-vira-abre-fecha-abre-abre-fecha-vira-mexe-abre-fecha...*



(Registros da pesquisa. *Jogo do abre-fecha-abre-fecha*. Rio de Janeiro, agosto de 2016).

1. Nikolajeva e Scott (2011) definem algumas modalidades na composição estética do livro ilustrado. Uma delas trata do tempo e do movimento que, diferentemente do cinema, precisa de outras estratégias e técnicas para ganhar forma na espacialidade do livro, conferindo ao conjunto imagético certo ritmo. É instigante pensar que no jogo *abre-vira-mexe-fecha-abre* que o bebê estabelece com o livro se relaciona com esses traços criativos, embora ele não esteja ocupado desse conhecimento ainda. Como uma antologia dos gestos que coloca o bebê na interface da provocação convidativa da cultura.



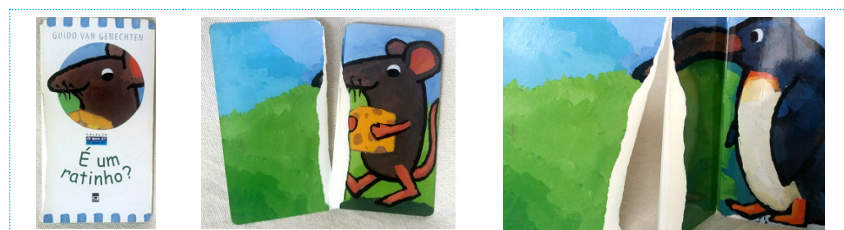
O mexerico, como decorrência das ações, da desordem dos cenários, das marcas, dos vestígios:



Fotos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7: detalhes dos livros após os cenários. Vestígios dos livros *al dente*. (Registros da pesquisa. Os livros depois dos cenários. Rio de Janeiro, setembro de 2016).

O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas eis precisamente por que vê caminhos por toda parte. Onde outros esbarram em muros ou montanhas, também aí ele vê um caminho (BENJAMIN, 1995, p. 237).

Os livros buscados, encontrados, experimentados, manuseados, apertados, arrastados, mordidos, *al dente*, carregam, por fim, uma narrativa outra, deixada por mãos subversivamente inauerais. Essa narrativa, também ela é contada aos bebês?



(Registros da pesquisa. Vestígios: marcas das interações dos bebês. Setembro de 2016).

Bebês com os livros convidam a riscos, desvios. O caráter destrutivo revela sua potência para o novo, como rito de passagem subversivo para a realidade objetiva. O paradoxo na tensão novo-destruído.



Livro *al dente*...

- Pois eu tenho uma ideia muito boa – disse Emília. Fazer o livro comestível.

- Que história é essa?

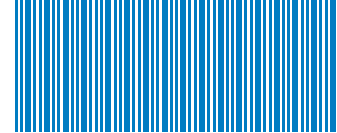
Muito simples. Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. [...] O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura, está almoçado ou jantado. Que tal?

Monteiro Lobato. *A reforma da natureza* (1957).

Bebês *comem* livros. Sim, isso mesmo. Apertam, amassam, mordem, puxam, aos dentes, pedacinhos de livro que saboreiam com baba da boca. Mas, para compreendê-los sem julgamentos, é necessário mostrar como o fazem. Vejamos o Sandro.

De lá para cá, de cá para lá. O olhar e mãos não sincronizam na tentativa de registrar o circuito do bebê. Sandro vai até Neiva – que está rodeada por alguns bebês que observam o livro em suas mãos –, permanece ali alguns segundos. Em seguida, desloca-se para o outro lado, onde estão alguns livros, agora espalhados sobre o tecido, meio embolados com o tecido, um tanto esparramados pela ampla sala. Assim dispostos, os livros forjam uma cena que desvela o caminho de seus usos e usuários. Sandro, como o fez outras vezes, vai até os livros. Observa-os. Também observa os outros bebês. Demora seu olhar no que os outros fazem no espaço. Olha novamente em direção à Neiva. Volta o olhar para os livros. Escolhe um. Hoje é o *¿Has visto a mi gata?*². O livro é pequeno, de capa dura, ilustrações coloridas que lembram pinceladas feitas com trincha larga. Tem um elemento interativo: pequenas abas, uma em cada página que, ao serem puxadas, revelam detalhes. O protagonista da narrativa procura seu gato e, a cada personagem que encontra em seu caminho, pergunta: “¿Has visto a mi gata?”. As abas revelam os animais (sempre felinos) mostrados. O menino pergunta, pergunta, pergunta até encontrar seu gato... Mas, nada disso interessa a Sandro por enquanto. Talvez, por desconhecer o jogo estabelecido pelo objeto, não sabemos. O que ele faz neste livro, como em outros, é lançar-se sobre ele com mãos e dentes. Isso mesmo: dentes. Fortes dentadas, seguidas de puxões, ainda com os dentes. Para tanto, parece percorrer uma lógica (que se repete toda vez que está com um livro em mãos): aproximar-se dos livros, observá-los, escolher um entre tantos, apertar,

2. CARLE, Eric. *¿Has visto a mi gata?* Kókinos. Espanha/ES: 2011.



sentir nas mãos, tentar abrir e virar as páginas, segurar numa posição confortável de levar o livro à boca (faz isso apoiado sobre as pernas, como se fosse levantar, mas não levanta, porque não anda) e, pronto: livro al dente!!! As marcas das mordidas permanecem como registros, deixam vestígios do uso feito pelo bebê. (MATTOS, 2018, p. 151).

Livro *al dente*... Sabor de quê?

Livro *al dente*... Brinquedo?

Livro *al dente*... Brincadeira?

Livro *al dente*... Jogo?

Se Emília houvesse levado a termo sua invenção, talvez a narrativa em torno dos gestos de Sandro fosse outra e não houvesse mais livros. Toma-se emprestado que a literatura permite, para fabular sobre esse encontro do bebê com o livro al dente. O que revela os movimentos de Sandro? Seu movimento – aproximar-se dos livros, observá-los, escolher um entre tantos, apertar, sentir nas mãos, tentar abrir e virar as páginas, segurar numa posição confortável de levar o livro à boca – compõem especificidades das relações dos bebês com os livros? Todos os bebês mordem livros?

Para Winnicott (1975), os objetos³ assumem caráter fundante naquilo que considera o limiar da experiência cultural do bebê. Aos poucos, na área intermediária onde se dão os fenômenos transicionais⁴, os objetos passam de instrumentos (incluindo o próprio corpo e o da mãe, com o qual o bebê está fundido; nos movimentos de sucção, por exemplo), que visam saciar necessidades, a processos de representação e simbolização. Gradualmente, os objetos externos passam a ocupar e exercer sua função cultural na história do bebê, o que insinua que os “fenômenos transicionais não pertencem à linha instintual do amadurecimento; eles estão na linha direta da tarefa [...]” (DIAS, 2014, p. 223).

Elementos que convidam a deslocar o livro de seu lugar sacralizado, a colocá-lo em mão dupla. Significa, também, transitar num fio fabular, na medida em que não se pode afirmar que os livros funcionam, para todos os bebês, como objeto transicional. Pode ser o livro ou outro objeto, ou o livro pode não ocupar esse lugar na constituição subjetiva do bebê. Contudo, compreender essas nuances como possibilidade do ponto de vista dos bebês na relação com as coisas impulsiona considerar

3. “O uso do termo objetos na literatura psicanalítica pode confundir o leitor. Deve ser tomado em seu significado particular como o oposto de “sujeito” [...]. Portanto, o objeto, nestas relações primitivas, é, para o bebê, indistinguível do seu próprio eu. Winnicott referiu-se a tal objeto como um “objeto subjetivo” para contrastá-lo com um “objeto objetivamente percebido” (DAVIS e WALLBRIDGE, 1982:57).

4. Os conceitos fenômenos transicionais e objetos transicionais são pontos-chave da teoria do amadurecimento de Winnicott (DIAS, 2014). Por fenômenos transicionais compreendem-se ações, atividades e objetos transicionais aquilo que sustentam ou caracterizam os fenômenos. O estudo desses dois conceitos alarga a compreensão do uso que os bebês podem dar aos objetos, ao entorno, às relações, para a compreensão dos sentidos, representações, simbolismos, criações que vão costurando para o conjunto do que vivem e experimentam. Embora fuja ao escopo deste trabalho, os conceitos provocam a pensar no papel que exercem na experiência subjetiva do bebê como um si mesmo em contraste com a descaracterização da pessoalidade que, muitas vezes, marca o cotidiano dos bebês e das crianças nas instituições, atravessada pela invisibilidade das suas coisas preferidas, dos objetos levados de casa que precisam rapidamente ser guardados e/ou escondidos, entre outros. Situações e artefatos que marcam, materialmente, esse lugar subjetivo das pessoas e que não encontram espaço ou lugar de ser nas instituições.



que, antes de se apropriar da face cultural do livro, o bebê o leva a transitar por caminhos subjetivos nessas primeiras interações. Seus sentidos são forjados no encontro, atravessado por um tempo mais plástico do que o considerado na maioria das vezes e, desse modo, a relevância se dá em compreender que “não é o objeto, naturalmente, que é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado” (WINNICOTT, 1975, p. 30).

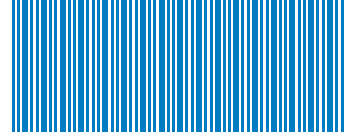
Mas os gestos – pegar, apertar, amassar, morder, experimentar al dente – constituem certa gênese dessa experiência cultural que

está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto). Desde o início, o bebê tem experiências maximamente intensas no espaço potencial existente entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre extensões do eu e o não eu (WINNICOTT, 1975, p. 139. Destaques do autor).

Extensões de si que extrapolam, transbordam no corpo, insinuando uma lógica do itinerário do bebê até o objeto: aproximar-se, observar, escolher, apertar e sentir nas mãos, tentar abrir e virar as páginas, segurar numa posição confortável. As mãos levantam o objeto no alto, os braços acompanham o ângulo do livro; todo o corpo do bebê se mobiliza e, em alguma medida, parece misturar-se com a materialidade que o livro congrega em si. Camadas de leitura possíveis desse jogo entre corpo e livro, desse mimetismo sinestésico envolvido na tarefa de tornar-se si mesmo em interface com a realidade cultural. Gestos que, pouco a pouco, sustentam sentidos de confiança do bebê para agir, desvelar, conhecer:

Os fenômenos transicionais estão exatamente no meio do caminho – como uma passagem intermediária e facilitadora – dessa “longa” jornada que vai da realidade subjetivamente concebida à realidade objetivamente percebida. A “terceira área de experiência” deverá, portanto, ser preservada em qualquer etapa do amadurecimento e em qualquer setor da vida – para que a realidade, externa, nua e crua, tenha significado pessoal. Com o tempo, ela deverá, também, poder ser exercida no terreno que lhe é próprio, as artes e a cultura em geral (DIAS, 2014, p. 223).

Fenômeno de transição que envolve corpo, sentido pessoal, subjetividade como expressão de si na imersão da experiência cultural e faz emergir a face delicadamente humana dessa reflexão. Ao assumir a arte como forma de comunicação, ao construir trabalhos que deixem o limiar, a fenda para o agir do bebê, o



autor oferece um tanto de sua subjetividade, marcando o espaço intersubjetivo do encontro entre bebê e livro. Pode-se fabular, sonhar com esse encontro que caminha na linha tênue, quase translúcida, de um encontro que se faz na cultura, pela cultura, tecidas por mãos e gestos que assemelham bebês e adultos: a realidade de serem pessoas. Pensar a função socializadora do livro a partir dessa ótica suscita ampliações que convidam a dimensionar o corpo, os gestos al dente como elementos estéticos. Sentido pessoal que, deslocado desse olhar, pode ser tomado como destrutivo, e, como consequência, não participar das propostas entre os bebês.

O livro al dente fala do limiar da cultura que, explorada desse modo subversivo, se atualiza, se transforma. O jogo do bebê tensiona essa atualização que se dá na materialidade.

Pelo gesto de continuar a olhar...

Escrever sobre bebês e gestos de leitura implica certa fabulação. Diante da vivaz gestualidade dos bebês, o que se pode, de fato, compreender, aprender, mapear dos seus movimentos? Parece ser necessário (re)inventar um tanto sobre caminhos já percorridos por aquele que se dedica a compreender – afinal, todo adulto já viveu a experiência de ser bebê –, mas que, do lado de cá, só parece ser possível se aproximar de modo interessado e curiosamente imaginativo.

Foi desse modo, motivadas por profundo interesse, que as reflexões deste artigo se constituíram: mais em torno de refletir sobre os bebês e seus caminhos no encontro com o livro do que afirmar um modo de fazê-lo. Diante das muitas ações, gestos, ritmos, encontros, recusas dos bebês com os livros, muitas indagações persistem. Diante dos movimentos que desarrumam cenários, desestabilizam expectativas, surpreendem hipóteses, indaga-se: será o conjunto da gestualidade do bebê diante do livro – rasgar, morder, babar, mexer de um lado para o outro, abrir-fechar-abrir-fechar – uma possível gênese de um leitor? Como saber?

Mapear itinerários dos encontros dos bebês com os livros, especialmente as ações dos primeiros sobre os segundos, tornou possível compreender que os bebês agem com tenacidade e interesse sobre os elementos da cultura. O objeto livro, por sua vez, se dá a conhecer pela gestualidade subversiva do bebê, para a qual buscamos olhar sem interditar, mas vigilantes entre o



papel de preservar e suportar essa ação inaugural. Os livros são provados al dente, entre gestos fortes que apertam, mordem, amassam, rasgam, fissuram o arrumado da cultura (BENJAMIN, 1995), insinuando uma certa arqueologia dos possíveis modos que os bebês constroem na interação e imersão na cultura. Assim, a centralidade do olhar, do foco dos registros esteve nos bebês, para os quais os livros foram cúmplices.

Antes de ler histórias e dar sentido ao texto escrito, a relação dos bebês com e entre livros convida a mapear e compreender os indícios das narrativas por eles construídas com esse artefato da cultura. O interesse pelo texto verbal – sua sonoridade, ritmo, melodia das palavras – caminha junto à tenacidade dos bebês de descobrirem a materialidade do objeto, como se assim, conhecessem em primeira mão o reverso da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, J.. A linguagem de Winnicott. *Dicionário das Palavras e Expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CADERMATORI, L. As narratividades. In: BRASIL. *Literatura na Educação Infantil: acervos, espaços e mediações*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2015. pp 31-38.

CARLE, E. *¿Has visto a mi gata?* Kókinos. Espanha/ES: 2011.

CINTRA, E.M. de U. A descoberta do mundo e a destrutividade originária. *Jornal de Psicanálise* 48 (89), 2015, pp 67-78.

DAVIS, M.; WALLBRIDGE, D.. *Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W. Winnicott*. Tradução de Eva Nick. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DIAS, E.O. *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. 3ª ed. São Paulo: DWW Editorial, 2014.



HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

LEGEAY, C. *Para que serve um livro?* São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

LINDEN, S.D. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

KOMAGATA, K. *Entrevista concedida à revista Emília*. Seção Conversas ao Pé da Página. Disponível em: <http://revistaemilia.com.br/KATSUMI-KOMAGATA/>. Acesso em set. 2018.

LOBATO, M. *A reforma da natureza – o livro comestível*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

MATTOS, M.N.S.S. *Bebês e Livros: relação, sutileza, reciprocidade e vínculo*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2018.

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

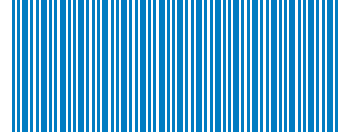
PACOVSKÁ, K. *Jogo da Meia-Noite*. São Paulo: Editora Ática, sem ano.

PARREIRAS, N. *O brinquedo na literatura infantil: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Biruta, 2008.

QUEIRÓS, B.C. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

REYES, Y. *A casa imaginária. Leitura e Literatura na Primeira Infância*. 1ª ed. São Paulo: Global.

SERRA, M.B.A. *Livros de Literatura para bebês e crianças pequenas: concepções de autores premiados e editores brasileiros premiados*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.



WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica de Helena Souza Patto. 4^a ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975

_____. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LCT, 2014.

Recebido: 26/09/2018

Revisto: 01/12/2018

Aceito: 08/11/2018